

Considerações sobre a pandemia de Covid-19 e a desescolarização da sociedade.

[Considerations on the Covid-19 pandemics and the deschooling of society.]

Rafael Lucas de LIMA

Universidade de Pernambuco.

E-mail: rafael.lima@upe.br

Maria de Fátima Alves LOPES

Universidade de Pernambuco.

E-mail: mariafatima.lopes@upe.br

Resumo

A Covid-19 alterou o funcionamento dos sistemas nacionais de educação. Evidenciou-se a dependência social para com as instituições escolares: impossibilitados de frequentá-las, os educandos ficaram longos períodos sem escolarização. Despreparadas para educarem seus membros, as famílias e outras instituições não supriram adequadamente suas demandas educacionais. Tal cenário suscita a reflexão sobre alternativas educacionais viáveis de serem implementadas em momentos de crise e em condições “normais”. São oportunas as reflexões de Ivan Illich, na obra *Sociedade sem escolas*, sobre a desescolarização. Nossos objetivos aqui são: compartilhar considerações sobre a desescolarização; e considerar possibilidades de desescolarização da educação nacional.

Palavras-chave

Filosofia, Educação, Desescolarização, Ivan Illich.

Abstract

Covid-19 has altered the functioning of national education systems. The social dependence towards the school institutions was evidenced: unable to attend them, the students stayed long periods without schooling. Unprepared to educate their members, families and other institutions did not adequately meet their educational demands. Such a scenario raises the reflection on viable educational alternatives to be implemented in times of crisis and in “normal” conditions. The reflections of Ivan Illich, in the work *Deschooling Society*, on deschooling are timely. Our goals here are: to share thoughts on unschooling; and consider possibilities of unschooling national education.

Keywords

Philosophy, Education, Deschooling, Ivan Illich.



INTRODUÇÃO

A história da espécie humana é palco de acontecimentos que nos podem afetar, enquanto indivíduos e sociedade, de diferentes maneiras: dos acontecimentos que contribuem para o incremento do *bem-estar* e da *felicidade* – pensemos no desenvolvimento de equipamentos e máquinas que aumentam nossas capacidades de ação, ou no desenvolvimento de tratamentos médicos e medicamentos, que melhoram nossa saúde e qualidade de vida –, àqueles acontecimentos que implicam no exato inverso disso, isto é, no *mal-estar* e na *infelicidade* – como a invenção e o uso de armas de destruição em massa, ou como o surgimento de doenças que ceifam milhões de vidas. Há cerca de dois anos, a humanidade tem sido acometida, uma vez mais, por uma terrível pandemia, que, até este momento em que escrevemos, já ceifou a vida de mais de cinco milhões e setecentas mil pessoas no mundo inteiro, e de mais de seiscentos e vinte mil, considerando-se apenas o Brasil¹.

A pandemia de Covid-19 tem causado grandes danos aos indivíduos e às sociedades. Podemos referir a danos que repercutem na *esfera da vida privada* dos indivíduos – por exemplo, na medida em que as vítimas do novo coronavírus eram membros de famílias, tinham amigos e colegas de trabalho, grupos, enfim, nos quais sua ausência é sentida –, como a danos que incidem na *esfera pública* da comunidade política e do Estado – posto que a *cotidianidade da vida* nas sociedades humanas tenha sido quebrada, fato ao qual referimos quando falamos de períodos *pré* e *pós-pandemia*, embora ainda estejamos vivendo o *durante* a pandemia. Com essa quebra da nossa anterior vida cotidiana, desconstituíram-se os ritmos e parâmetros “normais” das relações sociais, de trabalho, da economia, da política, da religião e, obviamente, também o ritmo da *educação*.

Desde o mês de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu que o mundo vivia uma pandemia de Covid-19, o cotidiano da vida na sociedade brasileira, em particular, foi alterado de tal maneira que o funcionamento do sistema nacional de educação formal, depois de sofrer uma *parada compulsória e completa* nos primeiros meses, teve que ser profundamente alterado, para que fosse possível colocá-

¹ De acordo com o Painel de Controle da Covid-19, da Universidade Johns Hopkins – cf. <<https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>> (acesso em 11 de fevereiro de 2022).



lo novamente em funcionamento – muito embora até hoje, em fevereiro de 2022, a educação escolar brasileira não tenha voltado a funcionar normal e plenamente. No intervalo entre a parada inicial e a retomada do funcionamento do sistema pátrio de educação pública e privada, evidenciou-se com clareza a *dependência* que temos, como indivíduos e como sociedade, *para com as instituições escolares* dedicadas à educação formal, nomeadamente as escolas e universidades públicas e privadas. Por não poderem frequentar essas instituições, e por não haverem nenhuma outras dedicadas plenamente à educação de crianças, jovens e adultos, esses educandos ficaram, por assim dizer, num limbo educacional, uma vez que, por não estarem devidamente preparadas para desenvolver a educação de seus membros, as famílias e outras instituições e organizações sociais não foram capazes de suprir adequadamente as demandas educacionais dos seus membros/educandos, e isso tanto no que diz respeito ao período de paralisação completa das atividades escolares, como no período em que nos encontramos hoje, quando as instituições escolares voltaram a funcionar, de modo completamente presencial, completamente remoto ou de maneira híbrida, com aulas presenciais e online (síncronas e assíncronas).

Pensamos que esse cenário social e educacional extraordinário oferece-nos uma *justificativa* mais do que apropriada para refletirmos sobre alternativas educacionais que sejam viáveis de serem implementadas e praticadas não somente em momentos de crises, como este que vivemos, como mesmo em condições sociais ditas “normais”, isto é, em condições que não sejam afetadas e marcadas por agudas crises sociais. Pensamos que são atuais e oportunas as reflexões filosóficas de *Ivan Illich* (1926-2002) sobre a educação e, particularmente, sua perspectiva de desescolarização da educação e da sociedade, processo por ele descrito e exemplificado no controverso ensaio *Sociedade sem escolas* (*Deschooling society*), publicado em 1971. Por esses motivos, temos em vista, neste artigo, dois *objetivos* em particular: (1) compartilhar com o público algumas das nossas reflexões e considerações sobre o processo de desescolarização da sociedade, partindo do que foi pensado e proposto por Illich naquela obra; e (2) considerar e testar teoricamente, por meio de experimentos mentais, o alcance das possibilidades de efetiva implementação prática, na sociedade brasileira e para além do cenário da atual crise sanitária e social, de uma proposta de desescolarização da educação nacional.

A abordagem do nosso tema, neste artigo, está dividida em quatro partes. A primeira delas constitui-se desta Introdução, na qual delimitamos o objeto da nossa



investigação; justificamos o interesse social existente pela reflexão acerca desse objeto; apresentamos os objetivos que temos em vista com esta pesquisa, e descrevemos as partes que a constituem. Na segunda parte, apresentamos a metodologia que utilizamos para desenvolver a pesquisa da qual este artigo resultou. Na terceira parte, propomos uma reflexão sobre a pandemia de Covid-19 como um fato histórico que reacende a discussão acerca do tema da desescolarização, proposto pela primeira vez na filosofia da educação de Ivan Illich, tema que nos convida a imaginar cenários sociais que expandem as oportunidades educacionais para muito além daquelas que comumente relacionamos às instituições escolares. Finalmente, na quarta parte, apresentamos algumas conclusões às quais nos conduziu esta pesquisa.

DA METODOLOGIA DA PESQUISA

Quanto à metodologia que utilizamos para desenvolver esta pesquisa, a mesma consistiu de quatro passos, sendo o primeiro deles a leitura e estudo da obra *Sociedade sem escolas*, do filósofo austríaco Ivan Illich, na qual se encontram os conceitos de desescolarização ou desinstitucionalização da educação.

O segundo passo metodológico consistiu de uma revisão da literatura existente sobre o tema da desescolarização da educação segundo a perspectiva illichiana, com o fito de alargarmos nossa própria compreensão sobre o tema, cotejando-a com a de outros pesquisadores e estudiosos da temática. A revisão bibliográfica foi realizada por meio do *Portal de Periódicos da CAPES*, no qual fizemos buscas nas bases de dados utilizando as expressões “desescolarização” e “Ivan Illich”, as quais nos conduziram a quase três mil resultados. Das páginas de resultados apresentadas, percorremos as quinze primeiras, e nelas selecionamos, através da leitura dos resumos de cerca de 150 trabalhos, aqueles que tinham alguma afinidade com o objeto e os objetivos desta nossa pesquisa. Depois dessa busca e da seleção da literatura, realizamos a leitura e o estudo dos artigos selecionados.

O terceiro passo do nosso método investigativo consistiu da análise e descrição do conceito illichiano de desescolarização, valendo-se das ideias de Illich, de seus comentadores e críticos.

O quarto e último passo do nosso método consistiu em relacionar e aplicar o conceito de desescolarização à realidade social e educacional brasileira, em particular,

LIMA, Rafael Lucas de; LOPES, Maria de Fátima Alves. Considerações sobre a pandemia de Covid-19 e a desescolarização da sociedade. eK22008.



realidade a partir da qual projetamos, a título de ilustração, alguns cenários e processos sociais e educacionais inspirados nas propostas filosófico-pedagógicas de Illich, a fim de testar, por meio de experimentos mentais, o alcance e a viabilidade prática dessas propostas.

DOS IMPACTOS EDUCACIONAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 COMO CONVITES À REFLEXÃO SOBRE A DESESCOLARIZAÇÃO

O principal impacto educacional produzido pela pandemia de Covid-19, sentido tanto no Brasil como em todos os países do mundo, talvez tenha sido o *fechamento das instituições escolares*. Entendemos por instituições escolares, à luz do que pensou Illich, as creches, escolas e universidades públicas e privadas. Como geralmente *se pensa que a frequência às instituições escolares seja sinônimo de educação*, podemos estimar os danos educacionais em uma sociedade pelo tempo que as instituições escolares, notadamente as escolas, permaneceram sem funcionar. O relatório *Cenário da Exclusão Escolar no Brasil. Um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na Educação*, publicado em abril de 2021 pelo UNICEF, traz uma estimativa dos danos educacionais no Brasil, devido à interrupção da oferta regular do ensino formal nas escolas. Segundo o relatório da ONU, mais de 5 milhões de estudantes, com idade entre 6 e 17 anos, estavam fora da escola em novembro de 2020 (UNICEF, 2021, p. 5, p. 44). Esse relatório aponta ainda a urgência com que deve ser enfrentada não só a atual pandemia, como também a exclusão escolar, sob pena de nosso país “regredir mais de duas décadas no acesso de meninas e meninos à educação” (*ibidem*, p. 5).

Não obstante, assim como a maioria dos indivíduos parece proceder, também o UNICEF, como exemplificado no relatório supramencionado, *confunde frequência à escola com educação, escolarização com ensino e aprendizagem*. Essa confusão está no cerne das críticas de Illich à escola e à escolarização, pois, com ela, evidencia-se a institucionalização do valor educação. Assim é que, para Illich, na escola,

O aluno é [...] “escolarizado” a confundir ensino com aprendizagem, obtenção de graus com educação, diploma com competência, fluência no falar com capacidade de dizer algo novo. Sua imaginação é “escolarizada” a aceitar serviço em vez de valor (ILLICH, 2018, p. 11).



Além de escolarizar, no sentido de reduzir a riqueza da educação humana àquilo que pode ser inserido/comprimido nos *currícula* do ensino formal, a escola também prestaria um outro grave desfavor social. Para Illich, na medida que as diferentes sociedades reconhecem as escolas como instituições *especializadas* em educação e os professores como *especialistas* em educação, outras instituições sociais – também importantes para a formação humana, mas não necessariamente especializadas em educação, como as famílias, os templos e igrejas, os diversos grupos e associações, os locais de trabalho, as instituições públicas e privadas em geral – são *desencorajadas* a assumir plenamente sua parte legítima e relevante no esforço educacional que compete a toda a sociedade desempenhar sobre seus membros. Pais, sacerdotes, grupos de indivíduos, empregados, empregadores, servidores públicos – todos, com raras exceções, delegam à escola e às instituições escolares a maior parte do tempo, dos recursos e dos esforços educacionais, contribuindo assim para aumentar o poder e o monopólio educacional da escola e, inversamente, para cercear sua própria capacidade de atuação educacional. Acerca desse desestímulo educacional generalizado, que a escolarização maciça da sociedade promove, Illich afirmou o seguinte:

A escola se apropria de dinheiro das pessoas e da boa vontade disponível, para então *desencorajar outras instituições a que assumam tarefas educativas*. O trabalho, o lazer, a política, a vida na cidade e mesmo a vida familiar dependem da escola, por causa dos hábitos e conhecimentos que pressupõem, em vez de *converterem-se nos meios de educação* (ILLICH, 2018, p. 19; grifos nossos).

Illich analisou e descreveu o processo de concentração da educação nas instituições escolares entre os anos das décadas de 1960 e 1970, mas suas reflexões permanecem bastante atuais, como os impactos sociais da pandemia de Covid-19 permitiram-nos perceber com clareza. Todavia, antes mesmo dessa pandemia eclodir, pensadores da educação já apontavam para a pertinência de algumas críticas e propostas educacionais de Illich, notadamente no que tange ao uso da internet e das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) como meios para a propagação do e para o acesso ao conhecimento. Entre os pensadores da educação que reconheceram o valor das contribuições críticas da filosofia da educação de Illich, mencionamos Bartlett e Schugurensky (2020), que afirmaram que, apesar de marginalizado durante décadas, devido à radicalidade de suas propostas educacionais, o pensamento de Illich tem chamado novamente a atenção dos estudiosos, notadamente neste contexto de pandemia.

LIMA, Rafael Lucas de; LOPES, Maria de Fátima Alves. Considerações sobre a pandemia de Covid-19 e a desescolarização da sociedade. eK22008.



[...] embora Illich possa ter sido marginalizado do discurso educacional em alguns momentos do passado, há renovado interesse no trabalho dele. Além do mais, no corrente contexto da Covid-19 e do repentino fechamento das escolas mundo afora, muitos observadores estão redescobrimo as ideias de Ivan Illich, particularmente *Sociedade sem escolas* (BARTLETT; SCHUGURENSKY, 2020, p. 70; tradução nossa)².

Além desses, outros pensadores que referiram à atualidade e pertinência da filosofia da educação de Illich, bem como ao caráter provocativo de suas reflexões, são Serpa, Santos e Ferreira (2020), como podemos perceber no trecho citado a seguir:

Conclui-se, por um lado, que a proposta de Illich de substituir estrita escolarização por redes de (auto)treinamento em uma sociedade altamente digitalizada e conectada por meio da internet pode oferecer potenciais benefícios e é, ao menos, merecedora de uma análise em profundidade. Por outro lado, pensadores provocativos que nos permitem deixar o sistema ideológico e social delimitado têm o mérito de ajudar a prover instrumentos que nos possibilitem entender melhor o presente e, conseqüentemente, as opções para o futuro (SERPA; SANTOS; FERREIRA, 2020, p. 29; tradução nossa)³.

Por fim, mencionamos ainda, dentre outros estudiosos, Sousa, Soares e Mariz (2019), que, ao comentarem as propostas illichianas de criação de quatro teias ou redes educacionais – das quais trataremos abaixo –, reconheceram que

[...] essas redes, sobretudo com o desenvolvimento célere das TDIC, hoje, em parte, tornou factível a utopia illichiana. Grafamos em parte, pois, como argumentaremos em seguida, Illich era um crítico do “ethos” certificador, escolarizador presente nas instituições, e mais ainda, da própria sociedade (SOUSA; SOARES; MARIZ, 2019, p. 20; aspas dos autores).

Embora não houvesse, à época da publicação de *Sociedade sem escolas* (1971), o uso público da rede mundial de computadores, a internet, Illich propôs a criação daquelas quatro *redes educacionais*, que mencionamos acima, as quais, diferentemente da escola, deslocariam novamente *para o todo da sociedade* o papel de educar seus cidadãos. Com

² “[...] although Illich may have been marginalized from educational discourse in some moments of the past, there is renewed interest in his work. Moreover, in the current context of COVID-19 and the sudden closure of schools around the world, many observers are rediscovering the ideas of Ivan Illich, particularly *Deschooling Society*.”

³ “It is concluded, on the one hand, that Illich’s proposal to replace strict schooling with (self)training networks in a society increasingly digitalised and connected by the internet is likely to offer potential benefits, and it is, at least, worth of an in-depth analysis. On the other hand, provocative thinkers who allow us to leave the ideological and socially delimited system, have the merit of helping to provide instruments that enable us to better understand the present and, consequently, the options for the future”.



o advento da pandemia de Covid-19, as ideias de Illich ganharam um novo reforço a seu favor, posto que, como destacamos na Introdução, com o fechamento das instituições escolares, tornou-se evidente a dependência que temos, como indivíduos e como sociedade, para com essas instituições; evidenciou-se igualmente a necessidade premente de rompermos essa limitação educacional e de devolvermos novamente às demais instituições sociais e, em última instância, às coisas e à própria vida, seu pleno poder educador. Para isso, pensava Illich, é necessário desescolarizar a sociedade, ou, dito de outro modo, é necessário desinstitucionalizar a educação.

Para o filósofo austríaco, *desescolarizar* significa *deixar de confundir ensino com aprendizagem*, de modo que o valor educação não seja monopolizado e institucionalizado nas escolas, mas seja partilhado por outras instituições sociais (ILLICH, 2018, p. 11); significa *romper com a polarização social* que divide os seres humanos em escolarizados e não-escolarizados, em países “desenvolvidos”, “não-desenvolvidos” e “em desenvolvimento” (*ibidem*, p. 21). Desescolarizar também significa *resgatar a autonomia educacional dos estudantes e de seus tutores*, de modo que os mesmos sejam responsáveis por suas iniciativas educacionais (*ib.*, p. 30). A desescolarização contribuiria, pensava Illich, para a promoção da melhoria geral da educação, na medida em que os interesses pessoais de cada estudante determinariam suas escolhas quanto ao que aprender, quando aprender e com quem aprender, situações que contrastam enormemente com o atual cenário educacional de escolarização universal e compulsória, no qual estudantes são obrigados a estudar o que outros (professores, legisladores, governantes) estipulam para eles, sob as formas dos diferentes currículos escolares. Enfim, desescolarizar significa *o processo de “abolir o poder de uma pessoa de obrigar outra a frequentar uma reunião” escolar* (ILLICH, 2018, p. 119; grifos nossos), e mesmo “o direito de qualquer pessoa [...] de convocar uma reunião” (*loc. cit.*).

Uma vez realizada a crítica da escolarização da sociedade e do conseqüente reducionismo a que esse processo submete a educação humana e as experiências educacionais, Illich propõe, como *objetivos orientadores da revolução educacional* por ele proclamada, os seguintes – 1) liberar o acesso às coisas e abolir o controle de pessoas e instituições sobre elas; 2) liberar e assegurar a partilha de habilidades; 3) devolver aos indivíduos a faculdade de convocar e fazer reuniões; e 4) considerar as expectativas educacionais dos próprios educandos, não as de grupos profissionais (*ib.*, p. 131). Fundamentando-se nesses objetivos, Illich propõe também, como *alternativas à*



escolarização, quatro redes ou teias educacionais, as quais seriam capazes de substituir eficientemente as escolas e instituições escolares em uma sociedade desescolarizada, que aboliu as escolas como *locus* exclusivo da educação. Tais redes educacionais, descritas em detalhes por Illich no capítulo 6 de *Sociedade sem escolas*, são as seguintes – 1ª) Serviço de consultas a objetos educacionais; 2ª) Intercâmbio de habilidades; 3ª) Encontro de colegas; 4ª) Serviço de consultas a educadores em geral. De modo sintético, descreveremos essas redes a seguir.

A primeira rede, denominada *serviço de consulta a objetos educacionais*, baseia-se no fato de que o mundo e as coisas são recursos básicos para a aprendizagem. Por isso, essa rede seria responsável por organizar e disponibilizar aos indivíduos/educandos os objetos necessários para o aprendizado daquilo que eles desejassem estudar. Tais objetos educacionais seriam desde os mais comuns (como livros, computadores, mapas, vídeos, plantas, ferramentas, instrumentos etc.), culminando com aqueles que seriam mais especiais (como itens históricos contidos em museus, equipamentos de laboratório, máquinas industriais, o acesso a locais geográficos específicos etc.). Considerando que as coisas são recursos básicos para a aprendizagem, Illich afirma que elas têm que estar à disposição de todos que com elas queiram aprender, e não deles distanciadas, fechadas em prédios privados ou públicos, separadas dos educandos por seguranças e cercas. Precisamos liberar novamente todo o potencial educacional das coisas e do mundo.

A segunda rede ou teia educacional, chamada de *intercâmbio de habilidades*, tem por finalidade, de acordo com Illich, proporcionar o encontro de indivíduos que desejassem ensinar e servir como modelos de habilidades, quaisquer que sejam elas, com aqueles que desejassem aprender tais habilidades. Quem desejasse ensinar aquilo que sabe, poderia anunciar que estaria à disposição do público em tal dia, em tal lugar, em tal horário, de modo que quem tivesse o interesse de aprender essa habilidade saberia aonde ir e a quem procurar. Ao passo que, em uma sociedade escolarizada como a nossa, somente aqueles indivíduos que têm diplomas têm permissão legal e reconhecimento social para ensinar alguma coisa em instituições escolares, em uma sociedade desescolarizada, qualquer indivíduo que tenha uma habilidade e também o desejo de ensiná-la, independentemente dele ter ou não alguma certificação que ateste o domínio dessa habilidade ou a capacidade para ensiná-la, poderia ensiná-la a quem desejasse aprendê-la. Dessa maneira, essa rede poderia promover um maior intercâmbio de conhecimentos e habilidades na sociedade e, de igual modo, uma maior democratização do saber.



Por sua vez, a terceira rede de aprendizagem, chamada de *encontro de colegas*, consiste em um meio para aproximar indivíduos com interesses de aprendizagem comuns. Os indivíduos publicizariam previamente seus interesses através dos mecanismos dessa rede (por exemplo, por meio de anúncios em jornais, como propôs Illich em 1970, ou por meio de publicações na internet, nas redes sociais, como permite a tecnologia do século XXI), com a expectativa de que assim pudessem encontrar colegas com os quais estudar e discutir acerca de seus interesses comuns (por exemplo, poderíamos publicizar um encontro semanal, em um café da cidade, para discutir a *Sociedade sem escolas*, ou para analisar o último filme de Tarantino etc.). De acordo com Illich, essa rede contribuiria para romper com o atual poder da escola, assegurado pelos sistemas jurídicos nacionais, de obrigar os estudantes a juntarem-se compulsoriamente, nas turmas escolares, com outros estudantes com os quais, muitas vezes, eles não gostariam de conviver; ou, dito de outro modo: essa teia educacional poderia devolver às pessoas o direito delas convocarem reuniões com o fim de estudarem o que quer que seja, direito que, para Illich, tornou-se quase que um monopólio das instituições sociais em geral, e das instituições escolares, em particular.

Finalmente, a quarta rede ou teia educacional, cuja denominação é *serviço de consulta a educadores em geral*, tem um duplo objetivo: por um lado, promover o acesso dos estudantes aos educadores, profissionais ou não, que tenham o conhecimento pedagógico necessário para orientá-los quanto à aprendizagem daquilo que querem estudar, e quanto ao uso de recursos educativos que lhes possam ser úteis nesse processo; e, por outro lado, encaminhar os estudantes àqueles professores e pesquisadores que tenham habilidades de liderança intelectual úteis àqueles em seus empreendimentos educacionais. Tais educadores seriam socialmente reconhecidos, quanto à sua habilidade didática ou quanto ao domínio daquilo que poderiam ensinar, por exemplo, por meio de um sistema público de avaliações, no qual todos os estudantes que tiveram aulas ou orientações com eles poderiam deixar suas avaliações e comentários sobre os serviços educacionais que utilizaram com cada educador.

Uma vez definidas e descritas, de modo sintético, essas quatro teias ou redes de aprendizagem, propostas por Illich com o intuito de que pudessem substituir as escolas em uma sociedade desescolarizada, resta-nos considerar a viabilidade de implementação prática das mesmas no contexto da realidade histórica e social do Estado brasileiro. Obviamente, não há registro de nenhuma sociedade que tenha desescolarizado-se a si



mesma. Se deixarmos de lado o período da história humana em que não haviam escolas, depois que essas instituições sociais surgiram, não mais deixaram de existir. Por isso, a proposta illichiana de desescolarização da sociedade ainda não teve oportunidade alguma de ser testada na prática. E mesmo a simples menção a uma sociedade em que as escolas foram abolidas já é suficiente para causar alguma indignação naqueles que se acostumaram à escolarização da educação. Isso não quer dizer, todavia, que a desescolarização seja uma mera utopia, um conceito quimérico de uma filosofia especulativa desconectada da realidade. Precisamente por isso, por carecermos de experiências práticas de desescolarização (e de experiências educacionais em geral), faz-se necessário utilizarmos outros tipos de experiências, não *práticas* mas *mentais*, por meio das quais possamos projetar e testar atividades, processos e cenários sociais possíveis de serem realizados praticamente algum dia, a depender unicamente da nossa vontade, enquanto indivíduos e enquanto sociedade.

Experimentos mentais são ferramentas tradicionalmente utilizadas na filosofia e na ciência há milênios. Tais experimentos, que se realizam apenas com a razão e a imaginação, permitiram a descoberta de muitas teorias e práticas extremamente úteis. Para dar-nos conta disso, basta pensarmos sobre este primeiro exemplo de experimento mental, a *alegoria da caverna* de Platão, a qual, nos âmbitos da filosofia e da pedagogia, desvela-nos uma filosofia da educação na qual se funda uma teoria pedagógica, devidamente acompanhada de propostas educacionais práticas que se pode, em alguma medida, tentar implementar nas sociedades. Consideremos também, como um segundo exemplo de experimento mental, que a *explicação do princípio da alavanca*, proposta por Arquimedes no século III AEC (“Deem-me um ponto de apoio e moverei a Terra”), representa o aumento real da nossa força física, da nossa capacidade de mover objetos pesados de maneira relativamente simples, por exemplo, por meio do uso de um sistema de roldanas. Ou, enfim, como terceiro exemplo de experimento mental bem-sucedido, lembremos que a *explicação da conservação da energia e da matéria no universo*, e da conversão da matéria em energia e dessa naquela, como demonstrou Einstein através da fórmula $E=mc^2$, constitui para a humanidade mais um exemplo profundamente instrutivo acerca da realidade das coisas e da natureza. Sem dúvidas, esses três exemplos não são meras elucubrações mentais, mas pensamentos com repercussões práticas que resultam no aumento do nosso conhecimento do mundo e, conseqüentemente, no incremento do nosso poder de ação sobre nós mesmos, sobre a sociedade e sobre a natureza. Sendo



assim, podemos afirmar, não sem razão, que os *experimentos mentais, particularmente no âmbito educacional, têm grande potencialidade epistemológica e didática.*

Ora, Illich, na obra *Sociedade sem escolas*, apresenta alternativas educacionais que até então, e mesmo até hoje, parecem utópicas; pois, no momento da escrita dessa obra (em fins da década de 1960 e no início da de 1970), não se tinha vislumbre de alternativas, à escola e à escolarização, como as quatro redes educacionais supramencionadas. Porém, na sociedade hodierna e com o advento da pandemia de Covid-19 em 2020, podemos perceber com clareza que muitas das ideias de Illich podem, sim, em alguma medida, ser implementadas praticamente hoje (e já podiam sê-lo mesmo em 1971!). Considerando tudo o que dissemos no parágrafo anterior, passaremos, agora, a considerar as propostas educacionais de Illich a partir de algumas experiências mentais. Como demonstramos acima, experimentos mentais têm grande potencialidade de instruir-nos acerca das coisas e de revelar-nos transformações práticas possíveis de serem implementadas, mesmo que em cenários sociais ainda inexistentes.

Considerando, pois, a perspectiva illichiana de uma sociedade desescolarizada, podemos afirmar que a necessidade de isolamento social e o conseqüente fechamento das escolas, impostos pela pandemia de Covid-19, pegou-nos, indivíduos e sociedades, em muitos aspectos e sobretudo no educacional, despreparados. Sendo as instituições escolares, em todos os países em que elas existem, as *únicas* com reconhecimento social e, portanto, com legitimidade para conduzir a educação/escolarização dos indivíduos e da sociedade, claro está que quanto mais tempo as escolas tenham permanecido fechadas, maior terá sido o dano educacional/escolarizacional, por assim dizer, sofrido pelos estudantes, e particularmente pelos mais pobres (como, aliás, afirma o já referido relatório do UNICEF). O experimento de pensamento que propomos aqui solicita-nos o seguinte – imaginemos uma sociedade que passa por uma semelhante pandemia de Covid-19, mas na qual a educação não esteja restrita à escolarização em instituições escolares. Imaginemos uma sociedade na qual o mundo, as coisas, os lugares, os indivíduos, as famílias, os grupos sociais sejam novamente o que foram durante a maior parte da existência da nossa espécie neste planeta, isto é: que sejam educadores. Imaginemos que estão novamente vigentes os hábitos e costumes de se educar nas ruas e nas praças, nas esferas privada e pública da vida, e que portanto a consciência dos indivíduos da nossa sociedade imaginária construiu-se de modo que todos os lugares, não somente as escolas, são lugares privilegiados da educação. Imaginemos que todos os indivíduos, não apenas



professores certificados, podem novamente ensinar algo a alguém e assim contribuir para a aprendizagem e para a formação dos seus concidadãos. Imaginemos que todas as coisas, que todos os animais, que todas as plantas, que o mundo, a natureza, o universo educam-nos ininterruptamente, inexoravelmente, e isso pelo simples fato de que, com eles, ocupamo-nos e preocupamo-nos em diversos tipos de relações. Imaginemos, enfim, que, em nossa sociedade experimental, houvesse meios eficazes (como a internet e as redes sociais) para compartilharmos com os outros indivíduos nossos interesses de estudo e de aprendizagem, e que tais meios também pudessem colocar-nos em contato uns com os outros, seja presencialmente, nos diversos lugares do mundo natural e social, seja virtualmente (por meio da internet), de maneira que pudéssemos ser mutuamente úteis ao aprendizado uns dos outros. Em uma sociedade como essa, seguramente teríamos mais oportunidades de ensinar e de aprender.

Parece-nos, à luz dessa simples experiência mental, que uma tal consciência da educação – que nos leva a novamente aprender com o livro do mundo, como referiu Descartes nas *Meditações metafísicas*, que nos entrega aos ensinamentos da natureza, como sugeriu Rousseau no *Emílio* – teria sido capaz, no cenário social do nosso experimento mental, de minorar grandemente os danos educacionais sofridos pelos estudantes durante a pandemia de Covid-19, da qual ainda lutamos para sair. E seria assim pelo simples fato de que não dependeríamos exclusivamente das instituições escolares, nos moldes das que atualmente existem, para levar a cabo a tarefa social da educação, uma vez que todas as coisas, lugares e seres humanos seriam reconhecidos, por todos os indivíduos da nossa sociedade imaginária, como potenciais educadores. Seria assim porque teríamos libertado a educação dos estreitos limites da escolarização.

Para concluir nosso experimento mental, citaremos dois trechos da obra *Sociedade sem escolas*, por meio dos quais podemos julgar a pertinência, ou não, do nosso experimento em relação às ideias e propostas da filosofia da educação de Illich. No primeiro trecho citado, o filósofo austríaco afirma a necessidade de resgatarmos a compreensão de que a educação acontece a qualquer momento e em qualquer lugar, ao afirmar que “encontrar recursos para material especificamente educativo é apenas um – e talvez o menos difícil – aspecto da *construção de um mundo educacional*” (ILLICH, 2018, p. 109; grifo nosso). Com o segundo trecho a ser citado, destacamos que Illich afirma o caráter educativo do mundo e da vida, e, em face disso, reconhece o quão estreita é a compreensão de que somente a escola seja *locus* privilegiado da educação.

LIMA, Rafael Lucas de; LOPES, Maria de Fátima Alves. Considerações sobre a pandemia de Covid-19 e a desescolarização da sociedade. eK22008.



O sistema escolar repousa ainda sobre uma segunda grande ilusão, de que a maioria do que se aprende é resultado do ensino. O ensino, é verdade, pode contribuir para determinadas espécies de aprendizagem sob certas circunstâncias. Mas *a maioria das pessoas adquire a maior parte dos seus conhecimentos fora da escola [...]* (*ib.*, p. 27; grifos nossos).

CONCLUSÃO

O cenário brasileiro da pandemia de Covid-19 faz-nos refletir e considerar que a filosofia da educação de Ivan Illich não está tão distante da realidade, como se pode supor por meio de uma leitura aligeirada da obra *Sociedade sem escolas*. O desenvolvimento científico e tecnológico das últimas décadas tornou possível a realização prática das propostas educacionais illichianas, exemplificadas nas quatro redes educacionais que descrevemos. O avanço do conhecimento humano tornou possível a busca e construção do saber além dos muros da escola e das instituições escolares, desvelando-nos facetas da riqueza educacional do mundo e da vida. Apesar das dificuldades iniciais de implementação de uma educação sem currículos pré-definidos – dificuldade que se agrava devido ao fato de não mais estarmos habituados a conceber a educação sem relacioná-la à escolarização –, é necessário que possamos multiplicar as ideias, propostas e experiências de ensino formal e não-formal, e que possamos criar condições para que as instituições e indivíduos aptos a trocar habilidades e conhecimentos cumpram também esse imprescindível papel. Muito temos debatido sobre o uso das TICs na educação para o século XXI, e muito temos relacionado as mesmas à proposta pedagógica de Illich (como exemplificado nos artigos que listamos nas Referências). De fato, o uso das tecnologias, sobretudo daquelas ligadas à internet, viabiliza a implantação prática das ideias de Illich (ainda que mediante ajustes), e abre-nos um variado leque de oportunidades para levarmos a cabo, como indivíduos e como sociedade, uma educação autônoma, baseada na convivialidade e na liberdade. Há vários anos que se tornou possível acessar, através das TICs, objetos educacionais contidos em museus e bibliotecas virtuais ao redor do mundo, bem como acessar pesquisas acadêmicas realizadas em diferentes países; também é uma realidade cada vez mais comum a formação de grupos virtuais (online) de estudos e pesquisas baseados em interesses comuns dos participantes, por meio do uso de diversas plataformas digitais (considere-se o YouTube, o Google Meet, o Zoom), que facilitam o



encontro, fora dos domínios escolares, daqueles que querem aprender com aqueles que estão dispostos a, e têm conhecimento para, ensinar.

Por fim, concluímos retornando aos dois objetivos que nos propusemos com este artigo na Introdução, a fim de verificar se, e em que medida, fomos capazes de atingi-los. O primeiro deles diz respeito a compartilhar com o público algumas das nossas considerações e reflexões sobre o processo de desescolarização da sociedade, partindo do que foi pensado e proposto por Illich na obra *Sociedade sem escolas*. O segundo dos nossos objetivos consistiu em considerar teoricamente, por meio de um experimento mental, o alcance da possibilidade de efetiva implementação prática, na sociedade brasileira, em específico, e além do cenário da atual crise sanitária e social que enfrentamos, de uma proposta de desescolarização da educação nacional. Ao contemplarmos retrospectivamente o caminho que percorremos até aqui, parece-nos que atingimos satisfatoriamente nossos objetivos, e que contribuímos, ademais, ao interpretarmos alguns aspectos da filosofia da educação de Illich, para reforçar a real necessidade, tantas vezes proclamada ao longo da história da filosofia e da pedagogia, de fomentarmos e realizarmos, para o bem da humanidade, experiências educacionais.



REFERÊNCIAS

BARTLETT, Tara; SCHUGURENSKY, Daniel. *Deschooling Society* 50 years later: Revisiting Ivan Illich in the era of Covid-19. **Sisyphus Journal of Education**, vol. 8, n. 3, p. 65-84, 2020.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio. Ou da educação**. São Paulo, Martins Fontes, 2014.

SAURÉN, Kirsi-Marja; MAATTA, Kaarina. The ritualization of progress: the schooled imagination. **Journal for Critical Education Policy Studies**, vol. 11, n. 3, p. 326-337.

LIMA, Rafael Lucas de; LOPES, Maria de Fátima Alves. Considerações sobre a pandemia de Covid-19 e a desescolarização da sociedade. eK22008.

_____ ; _____. New educational society. The Illich's utophy. **Pulso**, vol. 34, p. 29-42, 2011.

SERPA, Sandro; SANTOS, Ana Isabel; FERREIRA, Carlos Miguel. Contributions of Ivan Illich to education in a digital society. **Academic Journal of Interdisciplinary Studies**, vol. 9, n. 2, p. 23-30, março 2020.

SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses; SOARES, Leonardo Humberto; MARIZ, Ricardo Spindola. Utopias e distopias em um cenário prospectivo entre a educação e as tecnologias digitais de informação e comunicação. **Sisyphus Journal of Education**, vol. 7, n. 3, p. 10-29, 2019.

UNICEF. **Cenário da exclusão escolar no Brasil. Um alerta sobre os impactos da pandemia da Covid-19 na educação.** UNICEF, 2021.

UNIVERSITY, Johns Hopkins. **Covid-19 Dashboard.** 2020.
<<https://www.arcgis.com/apps/opsdashboard/index.html#/bda7594740fd40299423467b48e9ecf6>> (acesso em 3 de fevereiro de 2022).



LIMA, Rafael Lucas de; LOPES, Maria de Fátima Alves. Considerações sobre a pandemia de Covid-19 e a desescolarização da sociedade.. **Kalagatos**, Fortaleza, Vol.19, N.1, 2022, eK22008, p. 1-16.

Recebido: 02/2022
Aprovado: 03/2022